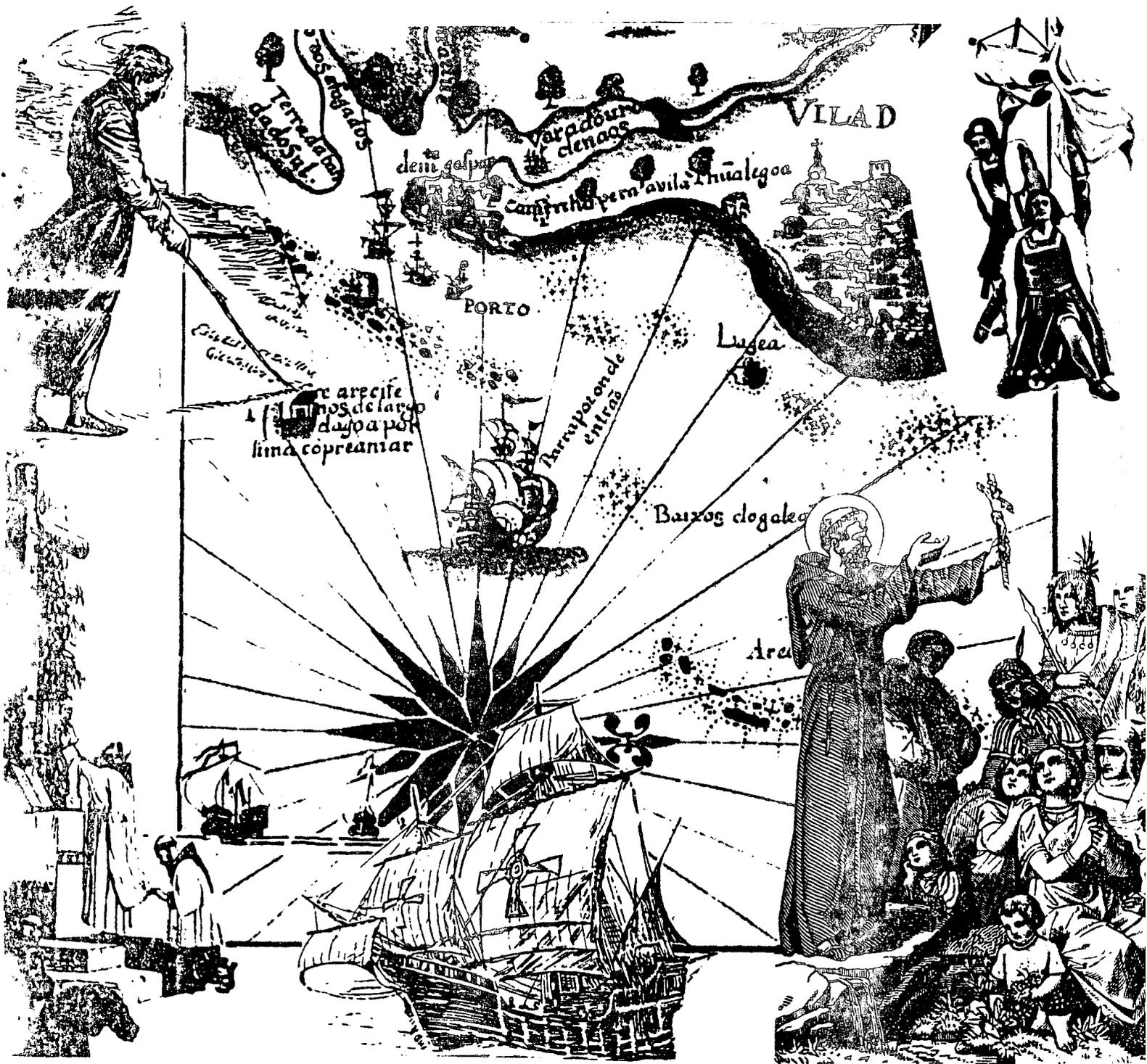




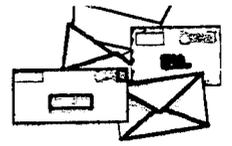
O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Os navegadores e os missionários da época dos Descobrimentos desbravaram novas terras e trouxeram para o grêmio da Santa Igreja Católica incontáveis almas. Em um mundo conturbado e corrompido como o nosso existem muitas almas esperando quem lhes conduza à Verdadeira Fé. É hora de reconquistar o mundo para Deus. Nossa Senhora, Rainha dos Apóstolos nos dê a graça de participar dessa sublime missão.

Escrevem os leitores



"... portanto as correspondências de agora em diante deverão ser enviadas para este novo endereço:..."

MARIA CONCEIÇÃO MARIANO
ITABIRA - MG

"Gosto muito da leitura e gostaria muito de receber todos os exemplares. Desde já agradeço".

MARIA LORETH P. COUTO
IPIRANGA - PR

"Tomei conhecimento de seu jornal há cerca de uns dois meses e estou encantada com o trabalho de vocês, em especial quando escrevem sobre a vida dos santos. Peço, por favor, que passem a me enviar regularmente "O Desbravador"".

SUZETE DA SILVA SILVEIRA
CAMPOS - RJ

"Sou leitor de "O Desbravador" e considero-o como uma obra prima, de grande valia para todos que o lêem."

VALCIR LIMA SANTOS
PONTA GROSSA - PR

"Em anexo envio recibo de depósito ao Grêmio Santa Maria. Agradeço muito pelas revistas recebidas, pois são obras muito boas. Que Deus e Nossa Senhora os abençoem."

CARLOS ALBERTO BERSOT
CONCEIÇÃO DE MACABU - RJ

Gostaria de receber imensamente, a revista "O Desbravador", anteriormente já havia escrito, não sei se chegou até a minha casa, pois agora atualmente estou morando no Japão, e gostaria de receber a revista aqui, caso não haja nenhum obstáculo, claro.

ALEXANDRA R. F. OGA
OIZUMI - JAPÃO



Imprimimos
com

RIPAX
Premium
Quality
Paper **Laser 75**

O DESBRAVADOR
PERIÓDICO BIMESTRAL DO GRÊMIO SANTA MARIA

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSE HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFFINO
MARIA PAULA BRANCO DE MATTOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATTOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGELICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

Quando conheceu Santo Inácio de Loyola, em Paris, São Francisco Xavier era um jovem professor de Filosofia, brilhante, que aspirava alcançar fama e sucesso no mundo.

Não se corrompera por um motivo meramente humano: tinha medo de contrair doenças com depravações. A glória do mundo era sua meta, sabia de suas qualidades e queria ser grande, muito grande.

Quando conheceu Santo Inácio, de início o repeliu, mas acabou amigo dele.

Por muito tempo, Santo Inácio perguntava a Xavier: "que aproveita ao homem ganhar o mundo se vier a perder a sua alma?"

São Francisco Xavier converteu-se e, ao invés das glórias do mundo, começou a buscar a glória de Deus. Tornou-se padre, ajudou a fundar a Companhia de Jesus, e por fim foi enviado para a Índia e Extremo Oriente, aonde realizou monumental trabalho missionário. Morreu às portas da China, que pretendia evangelizar. Deixou plantada naquelas plagas cristandade pujante e fervorosa.

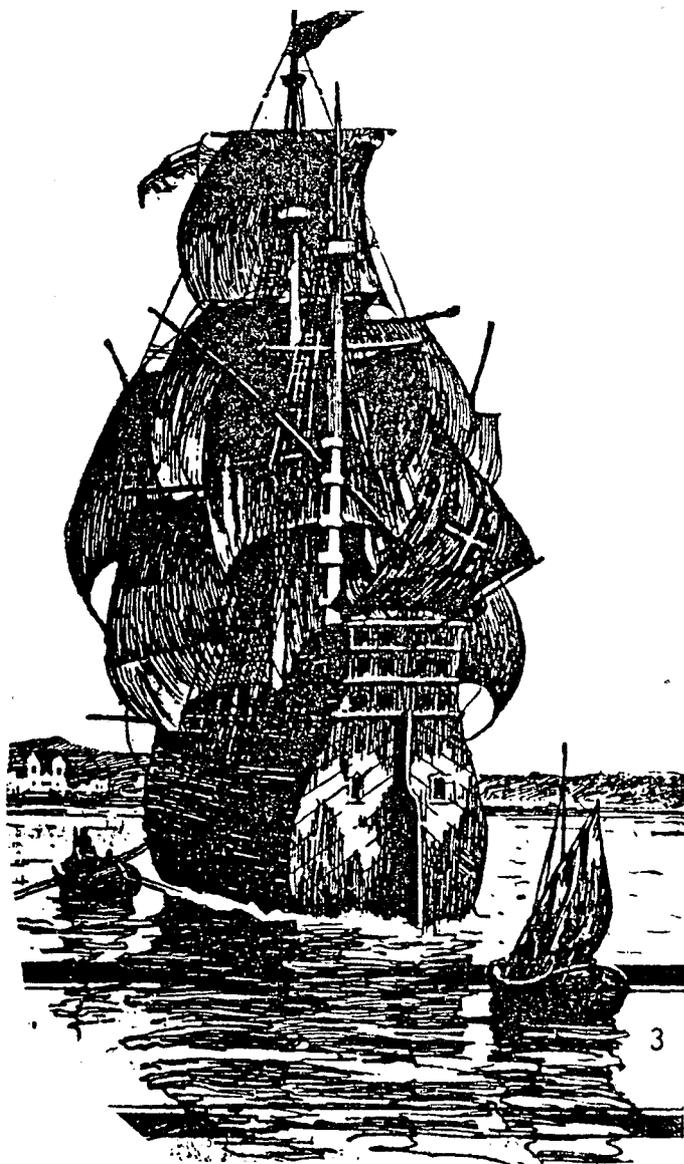
Batizou milhões, pregou, converteu e ficou conhecido como o padre santo. Seus milagres ficaram famosos e ao morrer seu corpo permaneceu incorrupto até os nossos dias.

São Francisco Xavier foi um jovem que fez História, dando almas à Igreja e moradores para o Céu. Seu nome e sua fama permanecem porque ele dedicou-se ao serviço de um Senhor que não morre e que recompensa até um copo de água dada em seu nome.



Como seria bom se hoje surgissem jovens assim, que fizessem do serviço de Deus a razão de suas vidas, que convertessem as almas à Fé verdadeira e mudassem o mundo.

Não será você, leitor amigo, este jovem, esta alma? Reze, pede a Nossa Senhora a graça de corresponder a sua vocação. Pede a Ela que o faça instrumento dócil da vontade Divina e se essa vontade for que você ajude a mudar o mundo, faça isso com amor, ardor e alegria.



BREVIDADE DA VIDA

Um dos maiores problemas dos homens é centralizar seus planos e seus projetos na curta vida terrena.

Na realidade esta vida é passageira, é fugaz. Quem vive muito, vive 90 anos, e são poucos. Por outro lado, o que são 90 anos diante da eternidade?

Se fizemos uma pesquisa são raros, por exemplo, os sobreviventes, hoje, da primeira guerra mundial e raríssimos são os que nasceram no século XIX e estão vivos. Não há ninguém do século XVIII vivo.

Isso quer dizer que a vida é curta. Tão curta que num sopro já nos vemos velhos. Quem escreve estas linhas lembra-se, como se fosse hoje, de sua meninice e no entanto quanto tempo já se passou.

Apesar disso a grande, a imensa maioria dos homens só vive para esta vida. Planeja, sonha somente para esta fugaz existência. Como consequência a frustração é a resultante. Assim elaboram-se planos, fazem-se projetos e vem a morte e desfaz os sonhos humanos. E perguntamos: como fica a eternidade?

O homem aspira ser feliz, quer ser feliz, quer uma felicidade plena, mas nessa vida quem tem tal felicidade?

Somente Deus pode preencher o coração do ser humano aqui na terra, e fazê-lo totalmente feliz no Céu. Quem não vir isso em vão plantará, pois só colherá desilusões.

Quem sonha sonhos terrenos sempre se desiludirá. Quem olha para a eternidade não será logrado.

Não há palavras meramente humanas que possam exprimir a felicidade do Céu, bastando dizer que Deus mesmo será nossa recompensa.

E, entretanto há sonhadores loucos que só visam esta vida e – repetimos – sempre saem frustrados.

Não sejamos do infinito número dos loucos que vivem para prazeres, fama, dinheiro para não sairmos desiludidos da peleja, sejamos sim almas que vejam que a vida nesta terra é passageira, que aqui é um vale de lágrimas como diz a Salve Rainha e com os pés no chão olhemos para o Céu e façamos tudo para conseguí-lo. Sim, façamos tudo, pois até a vida não tem valor se perdermos nossa alma. Começemos já a caminhada para o Céu, com firmeza, com o auxílio de Nossa Senhora chegaremos lá, mas começemos já, peçamos a Nossa Senhora que nos faça viver nessa direção.

PENSE E REFLITA

O passado já foi, o futuro não é meu, só o momento presente tenho eu na mão para servir a Deus e salvar a minha alma - pondere bem: um Deus, - Um Momento, - Uma Eternidade!

Um Deus que te olha, - Um Momento, a fugir-te, - Uma Eternidade à tua espera.

Um Deus que é tudo, um momento que é nada, uma eternidade que tira tudo ou dá tudo para sempre.

Ó Deus! Ó Momento! Ó Eternidade! A vida é curta, o céu belo e o inferno horróroso...

(do livro: Manual do cristão)

São Francisco Xavier



Dentre os gloriosos heróis que figuram na imensa galeria apresentada pela Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, destaca-se maravilhosamente a pessoa de São Francisco Xavier, sacerdote da Companhia de Jesus, confessor, apóstolo das Índias, celeste padroeiro do Sodalício e da Obra de Propagação da Fé, e de todas as Missões, famoso pela conversão dos gentios, pelos seus carismas e milagres.

"Durante o século XV – observa Rohrbacher – enquanto um mau monge, Lutero, pervertia a metade da Alemanha, um santo religioso convertia grande parte da Índia e do Japão".



DE NOBRE FAMÍLIA

Francisco nasceu a 7 de abril de 1506, de grande nobreza, no castelo de Xavier, na Navarra, a oito léguas de Pamplona.

Enquanto os irmãos só aspiravam às distinções na profissão das armas, Francisco, embora possuísse todos os predicados para nela brilhar com todo o esplendor, dedicava-se mais ao estudo.

Curso tudo quanto se lhe podia ensinar em Navarra, com a maior brevidade e admirável distinção. Seus pais secundaram suas prodigiosas disposições, mandando-o para a Universidade de Paris, na época o ponto de convergência dos estudantes nobres de toda a Europa.

Dele se dizia que "nunca estudante algum conseguira, em Paris, tanto com tanta facilidade".

Amável, belo, de porte elegante, airoso em seus ademanos, distinto em suas maneiras, bastava vê-lo para se reconhecer nele a nobreza de sua origem. Sua admirável inteligência, a sua paixão pelo estudo, as brilhantes qualidades do seu espírito, davam-lhe uma incontestável superioridade sobre todos os rapazes de sua idade.

Foi em Paris, no colégio de Santa Bárbara, que conheceu o Compatriota Santo Inácio de Loyola, que o atraiu para o serviço de Deus com as célebres palavras.

- De que serve ao homem ganhar o universo, se vier a perder a sua alma?



Logo se tornou discípulo de Santo Inácio e seria um dos que com ele formaria a Companhia de Jesus. Tornou-se sacerdote e, sob a direção daquele, fez em pouco tempo muitos progressos na vida espiritual, tanto que, por mais de uma vez, enquanto contemplava as coisas divinas tinha o corpo elevado no ar. Isso aconteceu mesmo diante do povo, algumas vezes, quando

da celebração da Santa Missa. Graças tão extraordinárias eram recompensas de suas mortificações.

Nunca, até conhecer Santo Inácio, o elegante Francisco conseguira ver uma úlcera. Tinha por esta espécie de doença um tal horror instintivo, que o fazia fugir imediatamente. Agora está transformado. Ao entrar no hospital dos incuráveis, em Veneza, ouviu falar de um doente com uma úlcera tão repugnante, que era necessário uma coragem sobre-humana para se poder aproximar dele. O semblante de Francisco irradiou-se de alegria. Era chegado o momento de triunfar de si mesmo para dar um passo mais na senda da virtude, segundo a máxima de seu santo amigo.

Xavier cai de joelhos ao lado do doente, abraça-o carinhosamente, fala-lhe de Deus, consola-o e anima-o ... Descobre imediatamente o membro ulcerado... A repugnância cresceu!... Porém o jovem Santo quer triunfar a todo preço, porque sabe que o combate se dá sob as vistas de Deus!

Aproxima seu belo rosto do membro purulento e empalidece... a natureza revolta-se... Xavier sente-se desfalecer... Apressa-se por isso a levar os seus lábios para a hedionda chaga! Beija-a!

Deus esperava esta última vitória! Xavier considerava-se então mais feliz por ter triunfado de si, do que havia sido até ali pelos seus brilhantes feitos do mundo.

AINDA MAIS, SENHOR!

Uma noite, num hospital de Roma, ouviram-no gritar "Ainda mais, Senhor! Ainda mais!" Embora se insistisse para que explicasse o motivo dessa exaltação, preferiu manter o silêncio. Mais tarde, antes de partir para as Índias, confiou o segredo ao seu amigo Simão Rodrigues: "Vi então, se em sonho ou acordado, Deus o sabe, tudo quanto devia sofrer

pela gloria de Jesus Cristo. Nosso Senhor deu-me naquele momento tamanha avidez de sofrimentos, que os que me apresentavam me pareciam insignificantes e eu ardentemente desejava mais. Era esta exaltação da minha alma que me fazia gritar com transporte: Ainda mais! Ainda mais! E espero que a Divina Bondade me concederá nas Índias o que me fez ver em Itália, e que os ardentes desejos que me inspirou ao coração serão imediatamente satisfeitos!"

São Francisco Xavier não comia carne, não bebia vinho, raramente fazia uso de pão que levasse fermento, alimentando-se de coisas das mais triviais. As vezes, passava dois ou três dias sem alimento algum, absolutamente. Flagelava-se até o sangue com disciplinas de ferro e não dormia senão poucas horas, sobre a terra.



Foi com esta vida santa e austera que se preparou para as futuras funções de apóstolo, quando a pedido do rei de Portugal, o Papa Paulo III o enviou às Índias, com a autoridade de nuncio apostólico.

Por mais de uma vez, enquanto falava numa só língua, cada nação o ouvia na sua própria. Percorria inumeráveis províncias, sempre a pé e descalço. Em dez anos somente, levou ele a Fé a povos cuja extensão era de mais



de três mil léguas. Calcula-se que no decurso de seu apostolado, desde a sua partida de Paris para Veneza, até a morte, o nosso Santo percorreu mais de trinta e cinco mil léguas. Ou seja, várias vezes o giro ao globo terrestre!

Convertiu centenas de milhares de homens. Batizou reis e príncipes incontáveis. E Deus autorizava suas pregações pelo dom da profecia e dos milagres.

OS MILAGRES

Escrever sobre eles não é tarefa fácil. Eles são tão numerosos que a escolha se torna difícil... O processo de canonização reconheceu 24 ressurreições juridicamente provadas e 88 milagres de primeira grandeza. Destacaremos alguns, apenas dois ou três, extraídos do admirável livro de Dourignac.

Quando São Francisco Xavier chegou à ilha de Manar, no Índico, toda a população correu ao seu encontro. Uma horrível peste ceifava mais de cem vidas por dia. Xavier pede aos manarenses que esperem três dias e rezem por ele. No terceiro dia a peste cessou, todos os doentes se viram instantaneamente curados e na mesma hora. Os que ainda eram pagãos pediram o batismo, apesar da perseguição aberta contra os cristãos.

Viajava Xavier de Amboino para Baranura, no Oceano Pacifico, numa ligeira embarcação, quando sobrevém uma tempestade tal que os próprios marinheiros ficam aterrorizados. Já se julgavam perdidos... São Francisco Xavier toma o seu crucifixo, inclina-se sobre a borda do barco para o mergulhar naquele mar em fúria... e o crucifixo escapa-lhe da mão! O Santo apóstolo mostra-se em extremo consternado por aquela perda, chora aquele tesouro, que havia operado tantos prodígios.

Na manhã seguinte, depois da perigosa travessia, chegam à ilha de Baranura. Decorrida já mais de vinte e quatro horas que o crucifixo caíra no mar. O padre Xavier e um companheiro dirigiam-se para o bairro de Tálamo, seguindo pelo litoral, quando, depois de caminhado uns quinhentos passos, viram sair do mar e vir para eles um caranguejo trazendo entre suas garras que mantinha levantadas, o crucifixo de São Francisco Xavier! O caranguejo vai direto ao santo e para junto dele. Xavier ajoelha-se, prostra a fronte em terra, toma o seu amado crucifixo que lhe será dali em diante muito mais precioso, beija-o com todo o amor e reconhecimento, e o caranguejo, voltando sobre os seus passos, desapareceu nas ondas.

Muitos anos depois, os habitantes da região encontraram no alto mar um caranguejo duma espécie desconhecida, trazendo uma cruz latina sobre a concha, e tendo barbatanas nos pés traseiros, o que nunca se tinha visto até então. Ficaram admirados do maravilhoso crustáceo, e empenharam-se em fazê-lo conhecer com o nome de caranguejo de São Francisco Xavier, persuadidos que estavam que ele provinha daquele que a Divina Providência se servira para restituir ao santo apóstolo o crucifixo caído no mar das Molucas.

Os grandes milagres operados pelo Santo em Cangoxima encheram de esperança um leproso que vivia separado de todo o mundo. Manda pedir ao santo padre que lhe faça uma visita. Impossibilitado de acudir ao chamamento



do infeliz, Xavier encarrega um dos seus de ir lá, dizendo-lhe:

"Perguntareis três vezes àquele doente se ele acreditará em Jesus Cristo, no caso em que a sua lepra desapareça; e, se assim o prometer, fareis sobre ele o sinal da Cruz, depois de cada resposta".

O enviado do apóstolo executa pontualmente as ordens que receberá e o doente responde três vezes que acreditará em Jesus Cristo, e depois do último sinal da Cruz, que se seguiu à sua ultima resposta, a lepra desaparece subitamente!

Já na Ilha de Sancião – próxima à China – aonde veio a falecer, São Francisco Xavier pede a um rico comerciante, Pedro Velho, um donativo para auxiliar uma pobre órfã. Pedro dá ao Santo a chave de seu cofre, que continha 45 mil escudos de ouro, recomendando que retirasse o quanto quisesse. O padre Xavier serve-se de 300 escudos de ouro. Alguns dias

depois, fazendo suas contas, o comerciante acha intacta a soma de 45 mil escudos.

Quando Pedro Velho foi reclamar contra a discrição do padre Xavier, pois esperava que levasse pelo menos a metade do dinheiro, o Santo conta do milagre. Prometeu as bênçãos de Deus ao seu benfeitor. "Anuncio-vos, além disso – acrescentou – que sereis advertido do dia de vossa morte".

Perguntando qual seria o sinal certo de sua morte, Pedro Velho obteve este oráculo: "Quando achardes o vinho amargo, preparai-vos, porque não tereis mais de um dia a viver".

O mercador português chegou a uma extrema velhice, sem perder a sua jovialidade natural, mas sem esquecer a predição do seu bem-aventurado amigo. Um dia, estando à mesa com muitos convivas, acha o vinho amargo e pergunta aos que o cercam se eles sentem o mesmo gosto; todos respondem que o vinho é excelente.



Pedro Velho faz servir-se de outro vinho e acha-lhe igual amargor. Não lhe resta mais dúvida, a sua última hora é chegada. Faz interiormente a Deus o sacrifício da sua vida e depois comunica aos seus convidados a predição do Padre Xavier.

Terminada a refeição ocupa-se dos arranjos do seu negócio, distribui a fortuna pelos pobres, vai dizer adeus aos seus amigos, pede-lhes as suas orações, convida-os para o seu enterro e faz preparar os seus funerais.

Na manhã seguinte assiste ao Santo Sacrificio da Missa, que era oferecido por sua intenção, e ali comunga como Viático... no fim da Missa estava morto...

Fato entre todos admiráveis é a milagrosa conservação do corpo de São Francisco Xavier. No dia 2 de dezembro de 1552, sexta-feira, pelas duas horas da tarde, com apenas 46 anos de idade, Francisco Xavier "carregado de méritos e trabalhos, adormeceu no Senhor" (Martirologio).

Estava na ilha de Sancião, da qual se avista a China, que ele ardentemente desejava conquistar para Jesus Cristo.

Os Portugueses revestiram o corpo com os hábitos sacerdotais, colocaram-no num esquife, que encheram de cal viva para não terem que transportar senão ossos!!!

Antes de partirem de volta às Índias, a 17 de fevereiro de 1553, dois meses e meio depois da morte de Francisco Xavier, o esquife é aberto para se verificar o conteúdo e encontra-se o rosto fresco, corado, sereno... O Santo parecia dormir. Os ornamentos não estavam alterados. Examinando o corpo, ele parecia cheio de vida. Um dos homens corta um fragmento de carne, acima do joelho... o sangue salta! Correm ao navio e levam a preciosa relíquia ao capitão; ele quer julgar diante daquela grande maravilha. O santo corpo exalava um perfume que não tinha nada com que se comparasse sobre a terra.



Na noite do dia 15 de agosto de 1553, cinco meses depois, um grupo de amigos de Xavier, em número de seis, dirigiram-se furtivamente para o sítio em que o precioso corpo estava enterrado e o descobriram. Acharam-no tão fresco como se a vida o não tivesse deixado. O lenço branco que cobria o belo rosto de Xavier estava molhado com o seu sangue!!! Os amigos do nosso Santo prostraram-se diante daquele prodígio, derramaram lágrimas de sentimentos pela profanação de que eram testemunhas.



Todos se aproximaram, beijaram-lhe os pés e as mãos, e depois se colocou de novo no esquife a cal que se tinha retirado, e empreenderam a volta para Málaca, na Índia, onde chegaram a 22 de março.

Aí o governador Álvaro de Ataíde, inimigo da Igreja, vai requintar a perseguição que movia ao Santo; proíbe a veneração ao corpo, que é retirado do esquife e lançado numa cova muito pequena, de sorte que o comprimiram e dobraram para ali entrar. Rasgaram-lhe alguns tanto os ombros, de onde saiu sangue que derramou em cheiro muito agradável. Foram ainda tão indiscretos que calcaram a terra que cobria o corpo, pisando até que a terra ficasse bem batida...

Retirado para lugar seguro aguardaram uma embarcação que pudesse levar o venerando corpo para Goa. Colocaram na câmara uma tocha que devia durar dezoito horas. Ardendo, porém, noite e dia, durou dezoito dias!

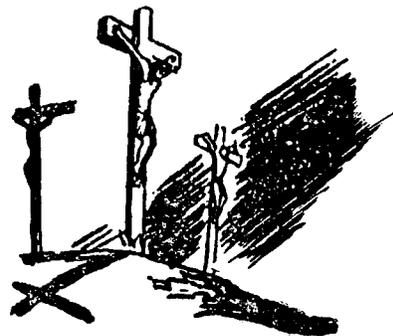
Chegando a Goa, todos, as Autoridades e o povo, recebem-no de joelhos. Milagres sem conta se operaram à sua passagem...

O corpo de São Francisco foi encerrado num riquíssimo relicário na Catedral de Goa.

Em 1612, o padre Aquaviva, Geral da Companhia de Jesus, pede à casa de Goa que envie a Roma o braço direito de São Francisco Xavier. Este braço, que havia operado tão grandes prodígios, produziu então um novo e mais admirável ainda.

O corpo foi encontrado com a mesma frescura, a mesma flexibilidade e as mesmas cores, que as de um homem vivo; corta-se o braço direito pedido pelo Superior Geral e o sangue corre com tanta abundância como se o corpo estivesse cheio de vida! Embeberam-se nele panos que os Padres de Goa enviaram a Felipe IV, rei da Espanha, e recolhe-se em um frasco com a mão à Casa de Roma. O braço foi dividido entre os colégios de Cochim, da Málaca e de Macau.

No dia 12 de outubro de 1859 foi feita nova verificação do corpo: estava incorrupto, mas seco. Desde então ele é exposto à veneração pública a cada 7 anos, no dia 3 de dezembro.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

"QUERO SOFRER, Ó JESUS, COMO QUISES E QUANTO QUISES; DAI-ME SOMENTE PACIÊNCIA" (SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO)

A PALAVRA DADA

Tempo houve em que a palavra dada era tão honrada e ao mesmo tempo tão respeitada que, em boa medida, o homem valia enquanto honrava esta mesma palavra. Cumpri-la era dever; faltar com ela, vilania repudiável.

O tempo passou e com a decadência total vivida pelo homem moderno, a palavra tornou-se para muitos, um mero “farrapo de papel” que não tem nenhum valor e que até é motivo de risos e de chacotas.

Esse desrespeito ao prometido vale tanto nas relações de amizade, como nos negócios. E chega a ser comum também entre os governantes das nações que habitualmente faltam hoje com aquilo que prometeram ainda ontem.

Como isso é horrível! Como seria maravilhoso que a palavra dada voltasse a ter o valor que outrora possuía. Vejamos alguns casos do passado para que admiremos os que cumprem com o que se apalavraram e não só isso, procuremos sempre cumprir o que legitimamente prometemos.

São Luís IX, rei de França

São Luís IX, rei de França, é tido como modelo de estadista. Sua bondade e firmeza reluziram em todo seu reinado. Seu senso de justiça é lendário até hoje. Sua fidelidade à Santa Igreja foi modelar. E, ao lado dessas e de outras virtudes devemos também ressaltar o seu amor em cumprir a palavra dada. Não somente a dele, como veremos no exemplo seguinte.

Certa feita, examinando documentos antigos, o grande rei encontrou um tratado pelo qual seu avô, também rei, se comprometia a entregar ao rei da Inglaterra, uma porção do território francês. Tal tratado caíra no esquecimento. São Luís, mais do que depressa, escreve ao rei inglês e pede que este



São Luís IX, modelo de católico, exemplo de governante, fiel cumpridor da palavra dada

venha se apoderar do que era seu por tratado. O santo rei fazia isso por justiça e também para cumprir a palavra de... seu avô.

A palavra de Bayard

Nos anais guerreiros do século XVI, sobressai um cavaleiro francês pela coragem e ousadia: Bayard, conhecido como o cavaleiro sem mancha e sem medo.

Numa batalha contra os ingleses, o famoso soldado desarmou e poderia ter morto um oponente inglês. Este, então, implorou misericórdia e pediu para não ser morto. Bayard concordou, desde que o inglês lhe desse a palavra de cumprir três coisas: seria seu prisioneiro, defenderia sua vida e acompanhá-lo-ia até o acampamento francês. O soldado inglês lhe deu a palavra. Logo após aparecem as tropas inglesas e se regozijam por terem aprisionado a Bayard, o mais famoso soldado francês. Ao quererem aprisioná-lo, porém, este chama o soldado que dera sua palavra e pede que este relatasse o acontecido.

Diante disso Bayard não só não foi aprisionado, como ainda levou prisioneiro para seu acampamento o soldado adversário. Os ingleses permitiram isso para honrar a palavra dada não por um oficial, mas por um simples soldado raso.

Um fio de barba e a palavra empenhada

Ainda hoje é comum se referir ao tempo em que um fio de barba valia pela palavra. De onde vem isso?

Um dos heróis da epopéia dos descobrimentos e conquistas portuguesas foi D. João de Castro, denominado por Camões, nos Lusíadas, de "O Castro Forte".

D. João foi vice-rei português na Índia. As colônias portuguesas nesse país eram cidades costeiras. D. João tinha a sede do vice-reinado em Goa. Numa ocasião, outra cidade portuguesa, Diu, com 250 portugueses se viu cercada por 10 mil infiéis muçulmanos.

João de Mascarenhas, comandante de Diu, solicitou reforços a D. João de Castro, e este enviou uma pequena expedição chefiada por seu jovem filho, Fernando de Castro. O jovem comandante, de apenas 19 anos, tinha ordens de seu pai de defender Diu a todo custo. Ao despedir-se do filho, D. João falou-lhe: "Eu vos mando, meu filho, com estes 200 soldados, para uma cidade inteiramente cercada pelos turcos. No que toca a vossa pessoa não fico preocupado: por cada pedra daquela fortaleza arriscaria a vida de um filho".

Seu filho conseguiu romper o bloqueio e juntar-se aos sitiados, mas, em uma explosão de mina veio a falecer.

Com dinheiro coletado, armou-se uma esquadra de 40 naus que, sob a chefia de Álvaro de Castro, outro filho de D. João, foi em auxílio dos sitiados. Por fim o próprio D. João apareceu diante da cidade com outra esquadra. A parada estava ganha. Após alguns dias, os portugueses eram vitoriosos.

Mas, restava reconstruir Diu. Tudo nela estava arrasado. Era necessário um empréstimo de 20 mil pardaus de Goa para a reconstrução. Mas, que garantias poderia D. João oferecer pelo empréstimo? Ele nada tinha a oferecer. Pensou ele dar como garantia os ossos do filho morto, mas o estado do corpo não comportava tal oferta. Mandou, então, um fio de barba como garantia de que o dinheiro emprestado seria totalmente reembolsado.

O senado de Goa atendeu aos apelos de D. João de Castro e lhe enviou os 20 mil pardaus para a reconstrução de Diu. Devolveu-lhe porém o fio de sua barba. Para os goenses a palavra de D. João era mais do que suficiente.

"Que exemplos maravilhosos!" dirá alguém. "Mas que pena que os tempos mudaram", talvez também o diga.

Deus não muda. E aquilo que foi bom ontem, é bom hoje, e assim o será para todo o sempre. Começemos nós a ser fiéis a toda palavra legitimamente dada e ademais admiremos aqueles que ainda hoje prezam sobremaneira a palavra dada.

Católicos, filhos de Nossa Senhora, esforcemo-nos em ser nesse aspecto como em todos os outros modelos e exemplos que façam novamente um fio de barba valer pela palavra empenhada.



D. João de Castro
D. João de Castro



A gravata branca



Século XIX, um jovem, Jorge, faz sua Primeira Comunhão em Roma. Menino virtuoso, faz propósitos sublimes. Toma resoluções de um verdadeiro católico.

Frequentar os Sacramentos, amar e servir a Nossa Senhora, ser virtuoso, ser casto, são propósitos que Jorge fez e quis a qualquer custo cumprir.

E entre outros fez o seguinte: "Levarei comigo a gravata branca da minha Primeira Comunhão até o dia em que, por uma desventura, venha a perder a graça de que ela é símbolo".



Jorge crescera... conservando sempre a gravata branca. Quando rebentou a guerra franco-prussiana, alistou-se como voluntário entre os zuavos do general De Charette. Em janeiro de 1871, por ocasião da vitória de Mans, foi ferido mortalmente.

O capelão aproximou-se dele imediatamente. "Obrigado, Sr. capelão... confessei-me há dois ou três dias; nada me pesa na consciência; estendi-me sobre um pouco de palha e trouxe-me o Santo Viático, porque vou morrer".

O capelão voltou logo, trazendo o Santíssimo. "Antes de me dar a Comunhão, fazei-me um favor: abri a minha mochila e encontrareis uma gravata branca, que me poreis ao pescoço".



Depois recebeu o Santo Viático, agradeceu e disse: "Eis que morro; peço-vos o obséquio de levar à minha mãe esta gravata e dizer-lhe que, desde o dia da minha Primeira Comunhão, não perdi a graça santificante; sim, dissei-lhe que esta gravata não recebeu outra mancha a não ser a do meu sangue rubro derramado pela Pátria".



O DOM MAIS PRECIOSO

Certa vez um missionário batizou um indígena, a quem também deu a Primeira Comunhão. O jovem no seu fervor tomou a resolução de viver na graça de Deus evitando o pecado a todo custo.

Um ano se passou e o missionário voltou à aldeia do jovem e este logo o procurou pedindo para comungar. O padre falou que tudo bem e disse ao jovem que se preparasse para se confessar. Ao que o índio retrucou que não precisava. "Como?" respondeu o padre. "Já faz quase um ano de sua primeira comunhão".



O jovem então disse que sossegadamente podia comungar pois não cometera nenhum pecado mortal no período e frizou: "O senhor acha admissível, Padre, que após estar na graça de Deus, após receber a Nosso Senhor na Sagrada Comunhão alguém venha a traí-lo pelo pecado?" O padre emocionado e feliz com isso deu a comunhão ao moço que tanto a queria receber.



Esse fato que lemos há muitos anos em um livro piedoso nos fez refletir. Fez pensar como poucos se esforçam por viver em estado de graça, faz pensar também e com tristeza que muitos comungam em pecado mortal, faz enfim ver como é bela uma alma que vive na graça de Deus e como é sublime e maravilhosa a vida na amizade com Deus.

Não há tesouro do mundo que a isso se compare, não há maior alegria nesta vida terrena, não há bem maior.



O que são as riquezas, a fama e os prazeres diante da vida em estado de graça? São – usando-se uma figura – menos que nada. São ilusões fugazes e passageiras que somem como vento que passa.

Ao fim desse artigo, rezemos uma Ave Maria à Nossa Senhora, Àquela que foi saudada pelo Arcanjo como Cheia de Graça, que Ela nos faça ter a Graça de Deus se estamos no pecado, e nos faça conservá-la quando nela estamos.

DIREITO DE ESCOLHA??



Tem-se ouvido falar que mulheres que se auto-denominam "católicas pelo direito de decidir" estão intensificando sua ação no sentido de fazer do hediondo crime do aborto uma "opção", como se isso fosse permitido.

Na verdade sobre a questão do aborto não há o que decidir, pois o aborto é sempre péssimo, sempre criminoso, sempre assassinato, pois sempre se trata de matar e matar um inocente.

Nada o legitima, nada o torna aceitável, nem tolerável.

A vida da criança não pode ficar à mercê de uma escolha infame que acabe com essa mesma vida.

Para o aborto não há possibilidade de escolha, nem de autorização, nem de aceitação. Não podemos querer sua liberação, nem votar em quem defende essa prática.

O aborto em qualquer circunstância é prática pecaminosa, imoral, criminoso e, repetimos, não pode ser objeto de opção. O que é mau não tem direito a ser escolhido.

E, diante disso, perguntamos: mencionadas mulheres podem se dizer católicas?

Um católico ataca o aborto sempre, jamais o aceita, nunca o defende, nem o tolera, e a opção pelo crime tem sempre uma vítima como a criança acima cuja mãe assassina resolveu matar.